

Nietzsche: a grande saúde e o sentido trágico da vida

Verônica Pacheco de Oliveira Azeredo*

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir a concepção de saúde para Nietzsche, partindo da compreensão de que não há um padrão definitivo para um homem saudável e de que o corpo está em permanente combate entre forças. O sinalizador da saúde segundo o filósofo alemão é o desejo de vida, a capacidade de dizer sim à vida, de enfrentar os combates físicos e existências que compõem a dinâmica fundamental.

Palavras chaves: saúde – corpo – combate – instintos – memória – esquecimento.

Para Nietzsche, toda interpretação que vise a acalmar, disfarçar, impedir e desqualificar os confrontos corporais pelos quais a natureza se expande e se afirma representa uma distorção da dinâmica fundamental do fenômeno vital. A esses impulsos, naturalmente violentos e cruéis, não cabe nenhum tipo de julgamento de valor, baseado em concepções dicotômicas, pois não há relação entre “mau” e “bom”, resultam, apenas, da vida seguindo seu objetivo: procurar a intensidade e a dominação. “Não cansamos de maravilhar-nos com a ideia de como o corpo humano se tornou possível, como essa coletividade inaudita de seres vivos, todos dependentes e subordinados, mas num outro sentido dominantes

* Mestre em Estética e Filosofia da Arte pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Ouro Preto, Brasil.

e dotados de atividade voluntária, pode viver e crescer enquanto um todo e subsistir algum tempo”¹.

Nietzsche parece indicar que o corpo humano é constituído por numerosos seres microscópicos que lutam entre si, em que uns vencem e outros perdem. Os embates, para o filósofo, são próprios da textura vital, é por meio deles que ocorrem as superações, as conquistas, as criações. Retirar a luta do cenário da vida é estagnar o espaço de expansão da própria existência. Onde não há possibilidade de luta entre forças corporais, surge, necessariamente, a fraqueza dos corpos, ou seja, o enfraquecimento e a repressão dos instintos². A vida fica estagnada e se degenera se não é impelida por um movimento contínuo que lhe é próprio. Esse processo imanente é promovido por várias funções corporais que também se confrontam com o objetivo de manter saudáveis as condições vitais.

Nietzsche defende a valorização dos instintos, do corpo e seus ritmos naturais como os únicos capazes de se orientarem em direção a uma vida potente e vigorosa. A tentativa de atribuir sentido à vida, contrariando e negando sua natureza trágica, caótica e desprovida de certezas e de segurança, promove a degeneração das forças vitais, uma vez que essa tentativa pressupõe o esquecimento de tudo que em nós se caracteriza pela imprecisão, pela indeterminação, pelo

¹ NIETZSCHE, F. *apud* MARTON, S. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2ª Ed, 2000, p.43.

² Marques demonstra que Nietzsche alude a uma composição do corpo com outros corpos ou seres vivos que estão entre eles, em constante relação de poder. “O fio condutor do corpo conduz, assim, à descoberta de relações de poder entre seres vivos, e não à descoberta de uma natureza sistematizada como expressão da relação recíproca entre o todo e suas partes, como unidade mediante a unificação das partes a ela co-pertencentes” (Cf. MARQUES, A. *A filosofia Perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, Editora da UNIJUÍ, 2003 (Col. “Sendas & Veredas”), p.167).

movimento. A guerra contra os instintos, contra o corpóreo provoca o enfraquecimento do homem, pois é justamente o combate, o jogo de forças que são fundamentais para a saúde do homem³.

No pensamento nietzschiano, dominar é suportar o contrapeso da força mais fraca, conseqüentemente, é continuação da luta. Nesse sentido, é possível entender que a paz nunca é instaurada e as hierarquias não são permanentes. A vida é, portanto, um processo de dominação e é com a vontade de potência que ela se aproxima. E como cada ser vivo quer prevalecer sobre o outro, Nietzsche afirma que, o querer não está centralizado no aparelho cerebral, que seria o responsável pelo “querer”, nem tampouco há responsabilidade desse aparelho de produzir o pensar, a vontade e o sentir: “Pressupõe aqui que todo o organismo pensa, todas as formas orgânicas tomam parte no pensar, no sentir, no querer – por conseguinte, o cérebro é, apenas, um enorme aparelho de centralização”⁴. O querer, o sentir e o pensar estão disseminados em todo o organismo, estão ligados entre si e não há como dissociá-los. Em *Para além de bem e mal* o filósofo escreve:

Portanto, assim como sentir, aliás muitos tipos de sentir, deve ser tido como ingredientes do querer, do mesmo modo, e em segundo lugar, também o pensar: em todo ato da vontade há um pensamento que comanda; – e não se creia que é possível separar tal pensamento do “querer”, como se então ainda restasse vontade! Em terceiro lugar, a

³ Marton afirma que, para Nietzsche, a fisiologia, nada mais faz que indicar a multiplicidade. O corpo é multiplicidade que “[...] consiste em uma pluralidade de adversários, tanto no que diz respeito às células quanto aos tecidos ou órgãos, ele é animado por combate permanente. Até o número dos seres vivos microscópicos que o constituem muda sem cessar [...]” (MARTON, S. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000, p.44).

⁴ *Idem, ibidem*.

vontade não é apenas um complexo de sentir e pensar, mas sobretudo um afeto: aquele afeto do comando. O que é chamado “livre arbítrio” é, essencialmente, o afeto de superioridade em relação àquele que tem de obedecer: “eu sou livre, ‘ele’ tem de obedecer” [...] (KSA 5.32, JGB/BM § 19).

Na concepção nietzschiana, ao homem não é facultado o direito de exercer ou não a vontade, ela não apresenta um caráter intencional. E a liberdade da vontade só é permitida quando se chega a enfrentá-la como afeto de mando. Nietzsche afirma que a vontade é orgânica e não há qualquer transcendência nela, por conseguinte, vida e vontade de potência não existem fora do ser vivo.

Como viver é estar em permanente combate, a aniquilação de conflitos e de embates não condizem com a dinâmica afirmativa da vida, com sua feição caótica, imprevisível, incerta, trágica. O filósofo concebe a saúde como afirmação plena da vida ou com a negação da mesma, e identifica se o pensamento é decorrente de sintomas de saúde ou de doença. O médico filósofo entende os pensamentos como sintomas de estados corporais, detectando quando uma filosofia é sadia ou uma manifestação de doença.

Eu espero ainda que um médico filosófico, no sentido excepcional do termo – alguém que persiga o problema da saúde geral de um povo, uma época, de uma raça, da humanidade –, tenha futuramente a coragem de levar ao cúmulo a minha suspeita e de arriscar a seguinte afirmação: em todo o filosofar, até o momento, a questão não foi absolutamente a “verdade”, mas algo diferente, como saúde, futuro, poder, crescimento, vida (KSA 3.349, FW/GC, Prefácio, § 2).

Nietzsche levanta a suspeita de que o corpo, nas filosofias que desprezam e rejeitam os processos naturais da vida, valorizando os aspectos transcendentais, estão doentes, e a preocupação em busca

da paz, do alívio e da proteção demonstram esses sintomas, pois se a vida possui como traço fundamental o combate, o jogo de forças, as ameaças naturais de sofrimento e de dor, não podem ser interpretadas como se fossem isoladas da saúde, da alegria, da felicidade. A necessidade de um consolo em “outro mundo”, que propiciou a crença em um mundo idealizado é, por sua vez, completamente oposta à vida terrestre. Tal crença foi interpretada, a partir de uma concepção dicotômica, constituindo-se apenas por enfermidades, perdas e fraquezas.

Toda a filosofia que põe a paz acima da guerra, toda ética que apreende negativamente o conceito de felicidade, toda a metafísica e física que conhece um *finale*, um estado final de qualquer espécie, todo anseio predominantemente estético ou religioso por um além, ao lado, acima, fora, permitem perguntar se não foi a doença que inspirou o filósofo. O inconsciente disfarce de necessidades fisiológicas sob o manto da objetividade, da ideia, da pura espiritualidade, vai tão longe que assusta – e frequentemente me perguntei se até hoje a filosofia, de modo geral não teria, sido apenas uma interpretação do corpo e uma má compreensão do corpo (KSA 3.348, FW/GC, Prefácio, § 2).

A interpretação do mundo deve direcionar-se para a leitura das aparências, da linguagem artística, dos instintos mais fundamentais e subterrâneos: aqueles que impulsionam à expressão de todas as coisas que existem, mas que foram negados e esquecidos pelo discurso moral, metafísico e pela religião. Nietzsche afirma que o fundamental para a afirmação da vida são os instintos. O filósofo indaga o “subterrâneo” e sua investigação está voltada para o que está oculto, o que se esconde por baixo dos alicerces corporais e não sobre as invenções que se colocam acima, no ideal e, que, por sua vez, mascaram o elementar e vital.

O filósofo alemão assegura que, mesmo quando se utilizam estratégias de controle das paixões, que são bem sucedidas, não significa uma superioridade do intelecto sobre a carne, e sim da carne sobre si mesma.

[...] mas querer combater a veemência de um impulso não está em nosso poder, nem a escolha do método, e tampouco o sucesso ou o fracasso desse método. Em todo este processo, claramente, nosso intelecto é antes o instrumento cego de um outro impulso, rival daquele que nos tormenta com sua impetuosidade: seja o impulso por sossego, ou o temor da vergonha e de outras más consequências Enquanto ‘nós’ acreditamos nos queixar da impetuosidade de um impulso, é, no fundo, um impulso que se queixa do outro (KSA 3.98-99, M/A § 109).

Nietzsche parece afirmar que não existe luta entre alma e corpo, mas entre diferentes forças agindo: forças ativas e reativas atuando no próprio corpo⁵. Promover o esquecimento dos instintos fundamentais e fazer da consciência a única mediadora para as experiências constitui-se uma inversão de proporções extremamente prejudiciais para a saúde do homem. Isso ocorre a partir do momento em que uma função secundária como a consciência começa a medir e conduzir a vida, quando deveria apenas obedecer ao corpo, às suas demandas instintivas, essenciais do processo vital.

Em *A gaia ciência*, Nietzsche explica que a consciência constitui-se como a mais nova e mais inacabada função orgânica e que,

⁵ Feitosa assinala que Nietzsche concebe que as condições de possibilidade do pensamento são fisiológicas, isso significa que por trás da consciência, existe o poder desconhecido dos sentidos, das paixões, das pulsões (Cf. FEITOSA, C. “A paixão segundo Nietzsche”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n.143. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p.153).

por isso, ainda, representa a mais fraca criação do nosso corpo. Os instintos, o inconsciente, os impulsos considerados como insensatos, irracionais e até maus são, ao contrário do que se pensa, os que estão a serviço da vida e da espécie desde sempre. Nietzsche afirma que esses “sins” são os mais antigos, mais fortes, profundos e essenciais. E, se até hoje a humanidade resiste e se expande, é porque os instintos, não obstante toda a consciência, razão e ordem que os contrariam e tentam adormecê-los, continuam em combate, na luta incansável em favor da vida. “Não fosse tão mais forte o conservador vínculo dos instintos, não servisse no conjunto como regulador, a humanidade pereceria por seus juízos equivocados e seu fantasiar de olhos abertos, por sua credulidade e falta de profundidade, em suma, por sua consciência; ou melhor: sem aquele, há muito tempo ela já teria desaparecido!” (KSA 3.382, FW/GC, §11).

A concepção é de que, inicialmente, a consciência surgiu no meio das atividades corporais para favorecer sua expansão. Nesse sentido, ela é uma de suas forças que impulsionam as atividades de conservação e expansão da vida. Não obstante, é importante advertir que o filósofo alemão não despreza a consciência em detrimento da inconsciência, mas procura reposicioná-la no conjunto corporal. Assim, deslocada ela deve ser analisada como uma função nova, em fase inicial de desenvolvimento, como até então se defendia. A consciência, longe de ser primordial, superior e mais valorosa do que qualquer outra função orgânica, está verdadeiramente, a serviço do instinto gregário, das necessidades sociais que visam à paz e à segurança. Todas as outras atividades de nosso corpo, como a digestão, o sono e as trocas celulares, são mais antigas, aprimoradas, precisas e, portanto, menos restritivas que a consciência.

A crítica do filósofo está na valorização da consciência em prejuízo dos impulsos, demonstrando que, ao negar os impulsos, tentar domesticá-lo, no fundo, o que se promove é o adoecimento. No pensamento nietzschiano, a grande saúde representa a um

estado de disposição plena para a vida, condição *sine qua non* para a destruição de valores estagnados e, conseqüentemente, para que se criem novos sentidos e avaliações afirmativas para a vida, pois viver é avaliar⁶.

No *pathos* da grande saúde o confronto é afirmado e a vida é criada a cada momento. Um corpo doente não impede a saúde, pois ele pode afirmar a existência em sua totalidade. É a afirmação plena de si mesmo. Vale ressaltar que, na grande saúde, não se trata de ser forte ou fraco, mas de dizer sim à vida diante da dor, da alegria, da angústia, do desconhecido. Ao mesmo tempo a memória criativa é revelada no *pathos* da grande saúde. Para afirmar a vida é preciso libertar-se e assumi-la da forma que é, sem carregar o peso dos valores que até então recebemos. Para isso é preciso criar valores novos, que sejam os da vida, que a torne mais leve e ativa.

A vida precisa ser afirmada, criada para combater os atos que destroem os valores que se opõem à mesma e que, por sua vez, implicam na criação de novas formas, a independência das normas de conduta gregária, faz-se necessário estar forte e ativo para a saúde plena. Para criar e afirmar a vida, é necessário que o homem afaste-se das leis alheias que, se por um lado mantêm o homem prisioneiro, por outro também lhe oferecem proteção. Proteção essa que é paga com a negação da vida e o sim ao niilismo. A afirmação é fruição e jogo da sua própria diferença, como a negação, dor e trabalho da oposição, é o devir e o acaso. O devir⁷ expressa o ser, o múltiplo e

⁶ Deleuze afirma que Nietzsche concebe a vida como interpretação e avaliação. Dessa forma, viver é avaliar e não existe verdade e realidade no mundo, tudo é avaliação. O ser, o verdadeiro e o real, só valem como avaliações. DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Trad. Antonio M. Magalhães. Porto: Rés, sd., p.275).

⁷ Deleuze demonstra que o Dioniso representa o sim, o devir. Para o autor, Nietzsche dá uma grande importância à arte porque ela afirma e cria e é representada pela afirmação dionisíaca. É uma afirmação que sabe dizer não, que cria a vida. Diz sim à vida não a

o acaso significam a necessidade. Portanto, a confiança no futuro, decorrente da grande saúde não se refere a um amanhã idealizado, que deveria ser e que, por isso, se decepciona caso não sejam satisfeitas as expectativas atreladas a um desejo ideal. “[...] do repentino sentimento e pressentimento de um futuro, de aventuras próximas, de mares novamente abertos, de metas novamente admitidas, novamente acreditadas” (KSA 3.346, FW/GC, Prefácio, § 1). Isso se refere à confiança em um futuro previamente acolhido, desejado e admitido, independentemente, de qualquer consciência, antes de saber e sem poder nada prever. Trata-se de dizer sim, de querer o acaso: “[...] Eu amo a ignorância a respeito do futuro e não quero perecer de impaciência e do antegozo de coisas prometidas” (KSA 3.528, FW/GC, §287). O futuro está desvinculado da necessidade de previsão, mas fiel ao sentimento e ao desejo pelo amanhã.

A grande saúde, defendida por Nietzsche, pressupõe uma constante recriação que deve ser abandonada e esquecida. Desse modo não há uma universalização da saúde, um modelo a ser seguido por todos. O bem estar é um estado singular do corpo de cada um: após uma dor, uma derrota, uma perda, a saúde retorna como um renovado desejo pela vida, admitindo os conflitos e a dor como estimulante para a ação, compreendendo o que é melhor para si. “Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é ser no fundo sadio. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para

suportando, mas criando-a permanentemente e assumindo-a em sua plenitude. Dioniso expressa o devir, o múltiplo e Ariadne alude à afirmação da afirmação. “A afirmação primeira é Dioniso, o devir. A afirmação segunda é Ariadne, o espelho, a noiva, a reflexão. Mas o segundo poder da afirmação primeira é o eterno retorno ou o ser do devir. E a vontade de poder como elemento diferencial que produz e desenvolve a diferença na afirmação, que reflete a diferença na afirmação da afirmação, que a faz retornar na afirmação ela própria afirmada” (Cf. DELEUZE, G. *op. cit.* p. 282).

alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um energético estimulante ao viver, ao mais viver” (KSA 6.266, EH/EH, Por que sou tão sábio, § 2).

Não obstante, a saúde só é novamente adquirida quando é acolhida em sua nova forma e singularidade, incomparável, com qualquer estado corporal prévio. É a permanente disposição para a ação, interessada pelo conflito entre ofensa e defesa. A alegria e o vigor estão presentes mesmo na fraqueza fisiológica, na dor. A grande saúde propicia disposição para criar novas metas, novas formas e novos valores para um futuro com sede de infinitas e imprevistas configurações.

O esquecimento é, para Nietzsche, uma força plástica, modeladora, com uma faculdade inibidora e, nesse sentido, como atividade primordial. Assim sendo, o esquecimento não apaga as marcas produzidas pela memória. O esquecimento antecede a memória: ele impede e inibe que sejam fixadas informações. A memória passa a ser pensada como uma ‘contrafaculdade’, pois é ela que se superpõe ao esquecimento, suspendendo-o, impedindo sua atividade salutar. A grande saúde é possível a partir de uma memória que esquece⁸ e deixa ir o que passou e cria, continuamente, novos valores, exa-

⁸ “Para descrever a importância e a utilidade do esquecimento, Nietzsche enfatiza a metáfora da guardiã apta a fechar, temporariamente as portas e janelas da consciência, protegendo-nos das acirradas e barulhentas lutas travadas por nosso submundo de órgãos servisais”, garantindo certa tranquilidade, um pouco de tabula rasa da consciência e possibilitando, assim, o surgimento do novo e o reinado, o domínio (*Regien*) de “funções e funcionários mais nobres”. Tal guardiã de porta mantém “a ordem da alma, a paz, a etiqueta”. A “ordem” Nietzsche refere-se às regras estabelecidas por certa aristocracia e a hierarquização do trabalho, nesse caso seriam os órgãos. Ele faz referências do fisiológico e administrativo: funções, funcionários, órgãos. No parágrafo 19 de além do Bem e do Mal, Nietzsche faz alusão à subordinação e hierarquização (FERRAZ, M. C. “Nietzsche: esquecimento como atividade”. In: *Cadernos Nietzsche* 7. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p.31).

tamente por habitar no instante presente, desocupando-se, assim, do que passou.

A grande saúde, na ótica nietzschiana, é, portanto, a capacidade de amar a efetividade até mesmo em nossos momentos de doença. É essa afirmação alegre da vida, mesmo diante da dor, da doença, da morte, do sentido trágico da própria existência. Para o filósofo alemão, a grande saúde é, conseqüentemente, o desejo de vida, a capacidade de dizer sim a vida, de enfrentar os combates físicos e existências que compõem a dinâmica fundamental.

Nós, os novos, os sem-nome, os difíceis de entender, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte alerta alegre audaz que todas as saúdes até agora. Aquele cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver negado as praias desse “Mediterrâneo” ideal, aquele que quer mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um adivinho, um divino excêntrico de outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a grande saúde – uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar (KSA 3.635-636, FW/GC § 382).

A filosofia, para Nietzsche, não deve ter o propósito da erudição, o objetivo das verdades que são ilusões, mas precisa ser usada para a saúde. É necessário que ela apresente sentidos novos para se pensar a vida, propiciar novos significados à existência. A filosofia é, por conseguinte, condição para a vida, para proporcionar significados capazes de desenvolver uma força no olhar para encarar um futuro que exige coragem e postura de guerreiro.

Abstract: This paper is to discuss the design of health for Nietzsche, on the understanding that there is no definitive standard for a healthy man and that the body is in constant fighting among forces. The flag of health according to the German philosopher is the desire of life, the ability to say yes to life, to face the physical and existences combats that compose the essential dynamics.

Key words: health – body – combat – instincts – memory – forgetting.

referências bibliográficas

1. DELEUZE, G. *A filosofia de Nietzsche*. Trad. Antonio M. Magalhães. Porto: Rés, sd.
2. FEITOSA, C. “A paixão segundo Nietzsche”. In: *Revista Tempo Brasileiro*, n.143. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 157-164.
3. FERRAZ, M. C. “Nietzsche: esquecimento como atividade”. In: *Cadernos Nietzsche* 7. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, p. 27-40.
4. MARQUES, A. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial, Editora da UNIJUÍ, 2003 (Col. “Sendas & Veredas”).
5. MARTON, S. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 2ª ed. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2000.
6. NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção “Os Pensadores”).

7. ———. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
8. ———. *Além do Bem e do Mal*. 2 ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
9. ———. *Ecce homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Artigo recebido em 10/05/2010.

Artigo aceito para publicação em 25/06/2010.